

Transitividade e variação construcional

Transitivity and constructional variation

*José Romerito Silva**
jromeritosilva@hotmail.com
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

*Maria Angélica Furtado da Cunha***
angefurtado@gmail.com
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

RESUMO: Neste artigo, tratamos da variação em construções transitivas. Nele, discutimos questões relativas ao uso de padrões distintos de codificação da construção transitiva com praticamente o mesmo significado. Nosso objetivo é identificar motivações funcionais favorecedoras da utilização de um ou de outro padrão disponível considerando a frequência *token* dos *types* construcionais. Como orientação teórico-metodológica, adotamos a Linguística Funcional Centrada no Uso de viés construcionista. O estudo é predominantemente qualitativo, apoiando-se em suporte quantitativo como instrumento de balização da análise. Para tanto, utilizamos dados de fala e escrita em variados gêneros de fontes diversas. Os resultados apontam a influência de fatores como analogização, por similaridade em grupos de construções com variantes formal e semanticamente aproximadas, e modalidade de língua, considerando o grau de (in)formalidade do contexto discursivo.

PALAVRAS-CHAVE: Transitividade. Variação construcional. Relações horizontais. Descrição do português.

ABSTRACT: In this article, we deal with variation in transitive constructions. In it, we discuss issues related to the use of distinct transitive construction patterns with practically the same meaning. Our objective is to identify motivations that favor the use of one or the other available pattern considering the token frequency of constructional types. As a theoretical-methodological orientation, we adopt Usage-based Functional Linguistics of a constructionist bias. The study is predominantly qualitative, relying on quantitative support as an instrument to guide the analysis. For that, we use speech and writing database of different genres extracted from several sources. The results point to the influence of factors such as analogization, by similarity in groups of constructions with formal and semantically approximated variants, and language modality, considering the degree of (in)formality of the discursive context.

* Doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professor Associado da UFRN e docente permanente do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL/UFRN).

** Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora Titular de Linguística da UFRN e docente permanente do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL/UFRN). Bolsista de Produtividade do CNPq.

KEYWORDS: Transitivity. Constructional variation. Horizontal relations. Portuguese description.

Introdução

Uma das características mais marcantes da língua é que ela, embora aparentemente demonstre regularidade, está em constante transformação. É o que (re)afirma Bybee (2016 [2010]) utilizando como metáfora o movimento das dunas de areia. Essa relativa (in)constância da língua torna-se mais patente em casos que apresentam certa alternância entre formas distintas – mas mantêm o mesmo conteúdo semântico – ou aqueles cuja estrutura tem duplicidade/ambiguidade de significado. Ilustrações disso podem ser vistas, por exemplo, em casos como *está/tá*, no plano lexical; *pagado/pago*, no plano morfológico; *esquecer-se de/esquecer de/esquecer X*, no plano sintático; “[...] o senhor *vai se encontrar* com a minha esposa lá no aeroporto”, no plano semântico, em que *vai se encontrar* mescla dualidade de sentido, indicando tanto deslocamento espacial (comprovado por *lá no aeroporto*) como ação futura (o encontro está para ocorrer).

Esses fenômenos se devem ao fato de os falantes/escreventes procurarem meios diversos de dizer (quase) a mesma coisa ou de aproveitar algum recurso já disponível para veicular sentido distinto do usual. E isso está no cerne da variação e da mudança linguísticas.

No âmbito da abordagem construcionista, muita atenção tem sido dada às relações taxonômicas – ou seja, aos *links* verticais de herança – entre construções, a exemplo de trabalhos como os de Goldberg (1995), Hudson (2007), Marques e Pinto (2016), Silva (2018), Cezario e Alonso (2019), Traugott e Trousdale (2021 [2013]), entre outros. Entretanto, conforme Perek (2012), Van de Velde (2014) e Diessel (2019), a mesma atenção não tem sido dispensada no que se refere às relações sincrônicas/horizontais entre construções em alguma medida similares.

Em se tratando dos estudos sobre transitividade, Lucena e Furtado da Cunha (2011), Furtado da Cunha (2014; 2017), Furtado da Cunha e Silva (2018), por exemplo, voltam-se para o exame de construções transitivas alinhados à perspectiva de Goldberg (1995), isto é, com foco nas relações taxonômicas (*links* de herança). Relações horizontais entre construções transitivas aparentadas coocorrentes na sincronia atual, embora existam, não são contempladas.

Em vista disso, neste artigo, abordamos a variação de construções transitivas no português brasileiro (PB) contemporâneo. Em outras palavras, construções transitivas com significados aparentemente “intercambiáveis”, as quais apresentam mais de uma forma de codificação sintática em usos correntes. Interessa-nos examinar o que motiva o locutor a recorrer a um ou a outro padrão existente. Nesse sentido, pretendemos analisar amostras dos distintos *types* construcionais quanto à frequência *token*, considerando aspectos formais e funcionais, na tentativa de capturar possíveis tendências de uso.

Para fundamentar teoricamente nosso estudo, recorreremos aos postulados teórico-metodológicos e conceitos operacionais da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) em sua perspectiva construcionista, conforme definidos em trabalhos como, por exemplo, Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013), Oliveira e Rosário (2015), Bispo e Lopes (2022), entre outros. Esse modelo parte do princípio de que a estrutura linguística é sensível às pressões semântico-cognitivas e/ou discursivo-interacionais de seu uso no cotidiano social. Daí o fato de a língua estar em contínua tensão entre conservação e inovação (BYBEE, 2016; [2010]; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021 [2013]).

Em termos metodológicos, este trabalho é de natureza predominantemente qualitativo-interpretativa. Entretanto, dada a necessidade de verificar a frequência de *tokens* dos distintos padrões sintáticos e aferir tendências, conferindo maior suporte à análise, recorreremos também à quantificação de dados. A abordagem qualitativa amparada pela quantificação é amplamente defendida e adotada no âmbito da LFCU, conforme se encontra em Cunha Lacerda (2016).

Como material de investigação empírica, utilizamos amostras das seguintes fontes: *Corpus brasileiro* (BERBER SARDINHA, 2008) e *C-oral-Brasil* (RASO; MELLO, 2012), estes com dados de fala, sendo 50.000 palavras de cada *corpus*; as revistas eletrônicas *Caras*, *Cláudia* e *Veja* e o jornal *Folha de São Paulo*, com dados de escrita, sendo 25.000 palavras de cada periódico. O total, portanto, é de 200.000 palavras. Esse material compõe-se de textos de variados gêneros discursivos das referidas modalidades de língua. Os gêneros selecionados são: entrevista semi-monitorada, na fala; artigo de opinião, coluna social, crônica literária, entrevista jornalística, resumo acadêmico, resenha científica, notícia e reportagem, na escrita, abarcando gêneros mais formais e outros mais informais. Formam, assim, um conjunto de nove (09) gêneros pertencentes às duas primeiras décadas deste século

(XXI). Desse montante, coletamos 254 ocorrências (121 de fala e 133 de escrita) de 15 tipos verbais distintos (ver Tabela 1 adiante).

O critério para a escolha do material de análise foi, em especial, o fato de os gêneros selecionados representarem o *continuum* fala-escrita em contextos diversos de interlocução. Com isso, temos um conjunto de exemplares relativamente confiáveis das diferentes formas de expressão do PB contemporâneo.

Na análise, procedemos a um levantamento quantitativo dos dados (em termos absolutos e percentuais) considerando os aspectos estruturais das construções em relação ao *continuum* das modalidades de língua e aos gêneros discursivos em que se inserem. Associados a esses aspectos, são considerados fatores quanto a especificidades semânticas de instâncias dessas construções bem como quanto à perspectiva do evento que designam.

Este artigo divide-se nas seguintes partes – além desta (introdutória): primeiramente, fazemos uma breve explanação do quadro teórico; na sequência, empreendemos a análise de nosso objeto de estudo; por último, tecemos algumas considerações finais, seguidas das referências.

1 Quadro teórico

Este trabalho fundamenta-se na Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), modelo analítico desenvolvido por pesquisadores brasileiros, o qual corresponde, em termos teórico-metodológicos, ao que a literatura de língua inglesa denomina *Usage-based Linguistics* (BYBEE, 2016 [2010]).

A LFCU agrega princípios e categorias da Linguística Funcional norte-americana, representada por Talmy Givón, Paul Hopper, Sandra Thompson, Wallace Chafe, Joan Bybee, Elizabeth Traugott, *inter alia*, e da Gramática de Construções, na linha de Adele Goldberg, William Croft, Graeme Trousdale, Martin Hilpert, Mirjam Fried e outros. Essa abordagem caracteriza-se, principalmente, pela concepção de língua como uma rede de construções interconectadas em seus diferentes planos, por relações de natureza diversa, cuja estrutura é motivada e regulada por fatores cognitivos, sociocomunicativos e culturais.

Decorre dessa compreensão a defesa do estudo da língua com base nesses fatores. Nesse sentido, a LFCU postula uma relação estreita entre a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem delas nos contextos reais de comunicação,

admitindo que um grande conjunto de fenômenos linguísticos fundamentais resulta da adaptação da estrutura gramatical às necessidades comunicativas e cognitivas dos usuários da língua (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013).

O fenômeno da variação linguística tem recebido diferentes tratamentos teóricos. No âmbito da Sociolinguística Variacionista, as formas linguísticas em variação tanto podem estar em coocorrência, quando são usadas ao mesmo tempo, ou em concorrência, quando competem entre si por espaço funcional. Para Labov (2004), essas formas são modos alternativos de se dizer “a mesma coisa”, posto que esses modos são condicionados por fatores de ordem formal ou sintática. Não entram em consideração, aqui, fatores pragmáticos que motivam a opção por determinadas estruturas.

O modelo clássico da Linguística Funcional, que corresponde à vertente norte-americana, aborda a variação e a mudança linguísticas sob o prisma da gramaticalização. Segundo a ótica funcionalista, a gramaticalização é um fenômeno ao mesmo tempo sincrônico, vinculado à variação linguística, e diacrônico, visto que essa variação pode resultar em mudança no plano da forma e/ou no da função dos elementos linguísticos. A variação também pode ser entendida como competição entre formas, na linha de Haiman (1983), Du Bois (1985) e Givón (1995). O reconhecimento da atuação de forças contraditórias sobre o sistema linguístico tem permeado a literatura por longo tempo, embora de modo instável.

O modelo das motivações competidoras representa um vasto campo de pesquisa, teórica e empírica, no sentido de fornecer suporte para as propostas de variação e mudança linguística. Assim, a variação linguística não é um processo evolutivo unidirecional rumo a um estado final ideal, mas antes uma constante e dinâmica tentativa para manter o equilíbrio entre simplificação (economia) e elaboração (iconicidade). Rapidez, eficiência, clareza, expressividade e rotinização são exemplos de motivações rivais que dizem respeito à relação entre a língua e seus contextos de uso ou, mais especificamente, à negociação de significado entre falante e ouvinte no ato comunicativo (HAIMAN, 1983).

Tais necessidades e restrições do falante e do ouvinte configuram a forma da língua. As explicações externas da abordagem funcional se baseiam na hipótese da estrutura linguística como uma resposta adaptativa a pressões funcionais, em particular, adequação funcional e eficiência funcional (BYBEE, 2016 [2010]).

No que diz respeito à Gramática de Construções, embora esta não aborde diretamente a variação linguística, Goldberg (1995) estabelece um elo de sinonímia para as construções que se relacionam pelo significado, mas diferem em suas propriedades formais e distribucionais.

Para Traugott e Trousdale (2021 [2013]), o fenômeno da variação pode ser tratado em termos de mudança construcional, a qual afeta uma dimensão interna de uma construção (em sua forma ou em seu conteúdo), sem, contudo, envolver a criação de um novo nó na rede. Nesse caso, a mutação ocorrida pode levar à convivência de “variantes” da mesma construção.

Outros linguistas construcionistas têm buscado tratar a variação postulando relações horizontais entre construções aparentadas pelo significado. Nessa direção, Cappelle (2006) postula que realizações formalmente distintas de uma construção, as quais expressam conteúdo proposicional semelhante, mas diferem quanto a aspectos pragmáticos, constituem *allostructions* (*aloconstruções*). As aloconstruções especificam particularidades em que as construções horizontalmente relacionadas se diferenciam e se conectam a um esquema menos/não especificado, de nível mais alto na rede construcional, denominado *superconstrução*, ou *construtema*. O significado dessas aloconstruções corresponde ao conteúdo semântico herdado do construtema que compartilham bem como às pequenas diferenças que as distinguem. Assim, conforme resume Percillier (2020), as aloconstruções envolvem elos horizontais entre realizações particulares e também elos taxonômicos (verticais) entre as aloconstruções específicas e o construtema mais esquemático.

Nessa mesma linha, Perek (2015) também defende a existência de *links* horizontais entre realizações estruturais variantes de uma mesma construção que é parcialmente não especificada. Para esse autor, o fato de dois padrões veicularem o significado básico de transferência, como se dá com a construção ditransitiva, por exemplo, em que um agente transfere um objeto para um recipiente, permitiria considerá-los como variantes gramaticais (FURTADO DA CUNHA, 2017). As aloconstruções da construção ditransitiva podem compartilhar várias propriedades, como a presença de dois argumentos internos (um objeto direto e um objeto indireto), mas diferir em outras, como o *slot* em que cada um desses argumentos ocorre. A posição desses argumentos não faz parte do esquema abstrato da construção, e sim dos padrões individuais licenciados pela construção ditransitiva.

Em trabalho anterior, Perek (2012) apresenta evidências de que tais generalizações sobre construções formalmente distintas que exibem semelhanças semânticas demonstram que um dado evento pode ser expresso de várias maneiras. Essa ideia corresponderia à definição clássica de variável linguística – modos alternativos de dizer a mesma coisa – conforme definida por Labov (2004), se não fossem consideradas motivações pragmáticas na escolha de um dado padrão no uso efetivo da língua.

Van de Velde (2014), por sua vez, entende os *links* horizontais em termos de relações paradigmáticas entre diferentes escolhas em um paradigma. Tais construções compartilham um significado geral, mas, ao mesmo tempo, se opõem no que concerne a seu conteúdo específico ou a sua função. Para esse linguista, os *links* horizontais são importantes porque mostram que a relação forma-função de uma construção particular pode ser parcialmente motivada no que diz respeito a suas variantes. Desse modo, enquanto a postulação de aloconstruções se baseia em características semânticas compartilhadas e padrões diferentes ligados horizontalmente (CAPELLE, 2006; PEREK, 2015), a abordagem paradigmática de Van de Velde (2014) parte do princípio de que os *links* horizontais refletem oposição e distinção semântica, e não similaridade.

Do que foi dito, vê-se que uma construção pode ter variação semântica quando desempenha mais de uma função (o que a literatura sociolinguística chama de variação por dissimilaridade). É o caso do sufixo *-inho*, que originalmente indica tamanho diminuto, como em *criancinha*, mas pode marcar afetividade, como em *paizinho*, pejoratividade, como em *gentinha*, ou, ainda, ter um valor intensivo, como em *devagarinho* (SILVA, 2000). Uma construção pode também se aproximar semanticamente de outras construções (variação por similaridade), a exemplo da construção passiva, que pode desempenhar a função de impessoalização do agente por meio da locução verbal e omissão do agente da passiva (*Foi construída uma ponte na cidade*), assim como a construção com a partícula *se* (*Construiu-se uma ponte na cidade*).

Os linguistas construcionistas concordam que tanto as construções quanto as associações entre elas emergem na língua em uso e são reforçadas pela repetição (LANGACKER, 2000; HILPERT, 2013). Podemos, então, retomar a máxima de Du Bois (1985) ao afirmar que padrões discursivos recorrentes exercem pressão sobre padrões estruturais: “as gramáticas codificam melhor o que os falantes fazem mais”.

De modo semelhante, as construções e suas relações são afetadas pelo uso da língua.

Do ponto de vista cognitivo, portanto, os elos horizontais entre construções assemelhadas comprovam a habilidade humana de detectar similaridades e criar analogia (GENTNER; MARKMAN, 1997; FISHER, 2011). Tais conexões ganham destaque nos modelos linguísticos que assumem a gramática como uma rede de construções. Nessa direção, pode-se dizer que as associações analógicas (de forma ou de conteúdo) entre construções estão no cerne da compreensão de como os padrões gramaticais surgem e se desenvolvem, no que concerne tanto ao falante individual quanto à mudança linguística (BYBEE, 2016 [2010]).

2 Variação em construções transitivas

De acordo com Furtado da Cunha (2014), a construção transitiva (CT) caracteriza-se prototipicamente quanto a seu conteúdo mais básico por significar o afetamento (mudança de estado/situação) provocado por um agente volitivo a um paciente. Esse significado se expressa convencionalmente em termos sintáticos por SN1-Suj (o agente causativo), V (que designa ação-processo) e SN2-OD¹ (o paciente afetado/efetuado).

Todavia, essa construção, no português, estende-se numa rede multifacetada de significados e formas diversas, envolvendo relações de herança tanto verticais (taxonômicas) quanto horizontais. Tal diversidade se revela no fato de haver construções transitivas em nível subesquemático que não apenas diferem no plano semântico mas também no sintático. Assim, há o *type* construcional que tem a mesma estrutura básica da transitiva convencional SN1 V SN2, porém diverge quanto ao conteúdo (por exemplo, mais abstratizado); também há o *type* construcional transitivo oblíquo/relativo, em que o paciente/tema é codificado por um SP; existe, ainda, o *type* construcional transitivo com afetamento do paciente e envolvendo outro participante obrigatório (em geral, um SP), que é o caso da construção ditransitiva; entre outros *types* distintos. Todos esses se correlacionam à CT superordenada e mais esquemática (FURTADO DA CUNHA; SILVA, 2018).

1 SN: sintagma nominal; Suj: sujeito; V: verbo; OD: objeto direto.

Conforme já explicitado no quadro teórico, a variação construcional tem a ver com o fato de uma determinada construção com significado X poder ser expressa por formas distintas de codificação em uma dada sincronia, revelando determinadas relações horizontais entre si (CAPPELLE, 2006; PEREK, 2012; VAN DE VELDE, 2014; LORENZ, 2020). Nesse sentido, observam-se construções transitivas de conteúdo semelhante no PB atual que apresentam algumas diferenças formais. Essas construções, em alguns casos, coocorrem até em um mesmo texto, o que sinaliza certa competitividade funcional.

Antes de empreendermos uma análise mais específica a esse respeito, vejamos a tabela a seguir com o quantitativo (em números absolutos) dos dados colhidos. Tais dados estão distribuídos pelas modalidades de língua (fala e escrita) e pelos gêneros discursivos selecionados.

Tabela 1 – Ocorrências de variação em construções transitivas no material de análise.

Verbos	Pron.	Prep.	Fala	Escrita							Totais	
			Entrev.	Art. Op.	Coluna	Crônica	Entrev.	Notícia	Resumo	Resenha		Report.
01. Acostumar	se	a		2							1	3
	se	com	1									1
02. Agradar		-	1	1	1					1		4
		a		1	1			2				4
03. Assistir		-	12	1	1		2				1	17
		a	1				6					7
04. Atender		-	2				1	2			1	6
		a		4								4
05. Casar	-	com	3									3
	se	com						2	1			3
06. Chegar		a	3	8	5		2	5	6		4	33
		em	19	1			2				1	23
07. Encontrar	-	com	4									4
	se	com	1	2				1				4
08. Esquecer	-	de	2	2								4
	se	de	1	2								3
09. Falar		sobre	6	3	1		3	6			1	20
		a respeito de	1								1	2
10. Ir		a	34	6	2		1	6			2	51
		em	15									15
11. Lembrar	-	de	6	2	1						1	10
	se	de		2								2

12. Namorar	-	5				1				1	7
	com	1									1
13. Obedecer	-	2									2
	a				1					1	2
14. Pisar	-			1							1
	em		1								1
15. Responder	-	1	1				5			1	8
	a		5			1	3				9
Totais gêneros		121	44	13	1	19	32	7	1	16	254
Total geral		121	133								254

Fonte – Os próprios autores.

Pelo que nos mostra a tabela, a quantidade de ocorrências de variação entre fala e escrita é relativamente equilibrada (48% da primeira e 52% da segunda dos 254 dados). Todavia, esse equilíbrio não se revela se considerados os *types* construcionais em particular bem como as variantes de certos *types*. Observando as ocorrências mais especificamente na fala, constatamos que há *types* cujas variantes não ocorrem nessa modalidade ou têm baixa frequência. Isso se deve, talvez, pela especificidade/raridade de uso do verbo que nucleia a construção, como é o caso de *pisar* (zero ocorrência), ou pelo (alto) grau de formalidade de sua variante, tal como *assistir a* e *chegar a*, por exemplo. Quanto à escrita, não há tanta disparidade na distribuição das ocorrências entre os gêneros. Contudo, verificamos que os gêneros crônica e resenha apresentam, *per se*, apenas um dado. A baixa quantidade de ocorrências nesses gêneros, provavelmente, seja em razão da natureza dos verbos instanciadores das construções. A mesma tendência se dá em relação a variantes dificilmente sancionadas na escrita, como acontece com *ir em* e *chegar em* por conta da pressão normativa.

A seguir vamos ater-nos mais especificamente à análise da variação em algumas construções transitivas. Para tanto, selecionamos, a título de amostragem, as instâncias construcionais com os verbos *encontrar(-se)*, *assistir* e *ir*. A seleção baseia-se no fato de constituírem os *types* construcionais mais representativos da variação que desejamos comentar. Vejamos, primeiramente, as seguintes amostras em relação à construção com *encontrar(-se)*:

1. Mas eu queria saber assim, se o senhor fosse descrever o, por exemplo: Ah o **senhor vai se encontrar com a minha esposa** lá no aeroporto! A pessoa que não conhece ela, como é que o senhor: Ah! Ela vai estar vestida assim... [fala/entrevista].

2. O *ministro* passou o dia no Rio de Janeiro em agenda pública e separou algumas horas para **encontrar-se com pessoas próximas**. [escrita/notícia].
3. [...] Diz que os *pessoal* aí tem ódio dela na Cruzada. Doido pra vê ela, pra **encontrá com ela** aqui... Eles diz que foi ela que mandô. [fala/entrevista].
4. E comprou aquela casa - depois de dez anos funcionário do Banco do Brasil [tem] tem aquela caixinha que você pode: comprá uma casa (est). Mas tem que pagá e ele tá vendendo essa casa que num consegue alugá aqui em Teresópolis. E *eu* **encontrei com a mãe dela** e a mãe dela tá desesperada porque: só o condomínio do apartamento dela em <Botafó...> e:m Ipanema é quinhentos reais. [fala/entrevista].

Nesses excertos textuais, a CT instanciada pelo verbo *encontrar* carrega o significado geral de *X defrontar-se face a face com Y*. Para se especializar nessa acepção, distinguindo-se da ideia de *X achar Y (perdido/em lugar ignorado)*, esse verbo é comumente acompanhado por um Pro-oblíquo e seguido por um SP-Comp, no caso, a Prep² *com* e o SN2 (Y), os quais indicam companhia e reciprocidade.³ Trata-se, portanto, de uma instância da construção transitiva comitativa (CTC), nos termos de Cavalcante (2021). A formulação básica e parcialmente especificada da construção instanciada por esse (tipo de) verbo é [SN1 (Pro) *com* SN2].

Ocorre que esse significado mais geral de *encontrar-se com*, dependendo do co(n)texto, pode ser mais especificado, no sentido de apontar para um encontro intencional/planejado ou não (*i.e.*, ser fortuito/imprevisto). Sendo assim, no primeiro caso, a ideia é de *X ir ter com Y*; no segundo, de *X deparar(-se)/topar com Y*.

Considerando as quatro amostras nos excertos, podemos afirmar que a primeira (*o senhor vai se encontrar com a minha esposa*), um dado de fala, designa um encontro voluntário/esperado, sendo codificado pela estrutura mais comum (SN1 Pro V *com* SN2). Na segunda (***encontrar-se com pessoas próximas***), a ideia do encontro também é intencional, porém, por ser em um contexto de escrita mais monitorada – notícia –, o Pro, ainda que o verbo seja antecedido pela Prep *para*, vem na posição enclítica, sinalizando uma espécie de hipercorreção.⁴ Na terceira (***encontrá com ela***), explicita-se a intenção do encontro por parte do agente (*os pessoal... Doido pra vê ela [sic]*), mas, como parece não ser recíproca, é provável que

2 Pro: pronome; SP: sintagma preposicional; Comp: complemento; Prep: preposição.

3 Há também o caso de *encontrar-se com* no sentido de *estar em poder/posse de alguém* e o de *encontrar-se* regido pela Prep *em* na acepção de *estar/achar-se em algum(a) lugar/situação*.

4 Essa diferença na posição do Pro (proclítico ou enclítico) mostra a já conhecida variabilidade da colocação pronominal no português, o que não constitui matéria de discussão aqui.

se dê casualmente. Em todo caso, o construto utilizado difere dos anteriores (em 1 e 2) por não haver o uso de Pro. Na quarta (*eu **encontrei com** a mãe dela*), pelo contexto, depreende-se que o encontro se deu inesperadamente entre *eu* e *a mãe dela*. Do mesmo modo que no construto anterior, nesse também não ocorre o emprego de Pro, salientando-se, ainda, que ambos são registros de fala.

Embora se possa conjecturar que as especificidades de significado da construção talvez contribuam para a escolha de um padrão (com Pro) ou do outro (sem Pro), parece mais provável que as diferenças formais entre esses construtos sejam em razão do grau de (in)formalidade dos respectivos contextos discursivos (inscritos no *continuum* de fala e escrita). Significa que a forma com Pro representa um registro mais formal e a que “dispensa” esse elemento, um mais informal.⁵

A respeito da dualidade formal dessa construção (com e sem Pro), os dados indicam que o padrão mais comum (com Pro) é utilizado indiferentemente na fala e na escrita, com a preferência de uso da próclise na fala e da ênclise na escrita. Contudo, em se tratando do padrão sem Pro, a tendência é de uso mais restrito à fala informal. Esse resultado mostra haver uma relativa competição funcional entre os dois padrões na oralidade (DU BOIS, 1985), mas não na escrita, pelo menos por enquanto. No caso da oralidade, o pêndulo do uso com ou sem Pro parece oscilar entre o registro mais monitorado e o mais coloquial.

A motivação por trás do uso da estrutura sem Pro (*X encontrar com Y*) parece ser a economia de processamento, tendo como base fatores de natureza semântico-cognitiva e pragmática. O primeiro tem a ver com o fato de Pro representar uma espécie de cópia do sujeito agentivo. Visto assim, Pro, de certo modo, replica a mesma ideia contida no Suj. Entretanto, caso Pro seja visto com noção de reciprocidade (designando *X* e *Y* **se encontram**), ainda assim, na estrutura *X encontrar-se com Y*, tal noção se torna enfraquecida em razão de o SP-Comp indicá-la de maneira mais plena e específica. De um modo ou do outro, devido à baixa informatividade e à suposta redundância de Pro, este parece dispensável.

Inclusa na ideia de economia de processamento, que torna a estrutura sem Pro comunicativamente mais ágil na conversação, podemos conjecturar a dúvida que os falantes têm quanto à colocação pronominal (se pré- ou pós-verbal). Assim,

⁵ Isso fica mais evidente nestas respectivas amostras de fala e escrita produzidas pelo mesmo informante: “*eu encontrei com* o Jucinei” e “*encontrei-me com* Jucinei” (VOTRE; OLIVEIRA, 1995, p. 55, 60).

Esse esquema distingue-se um pouco do apresentado em Lorenz (2020), pois, diferentemente desse autor, além das relações horizontais entre os *(sub)types* variantes, entendemos que, na metaconstrução, mantêm-se ainda os *links* verticais dessas variantes com os respectivos esquemas que elas instanciam. É assim pelo fato de tais instanciações “irmãs” continuarem exibindo propriedades semânticas e formais de suas matrizes. Como, para o referido autor, metaconstrução envolve a ideia de paradigma, é válido supor que essas propriedades são cruciais para a analogização que ocorre na variação de construções mais ou menos similares.

Contudo, pensamos que a noção de construtema, conforme defendida por Cappelle (2006) e Perek (2012), é válida no caso de haver uma construção isolada cuja variação não é produtiva, *i.e.*, não chega a ser paradigmática. Um exemplo disso é o que ocorre com a variação de *X pisar (em) Y (pôr os pés em/andar sobre algum lugar)*, a qual parece não se replicar em nenhum outro *type* construcional.

Outra construção merecedora de exame é a que se instancia com o verbo *assistir*. Em relação a ela, constatam-se a variante com a forma oblíqua, em que o Comp de V é acompanhado pela Prep *a* (no caso, um SP), e a que dispensa Prep, tornando-se uma estrutura transitiva direta (sendo Comp um OD). Com isso, temos, coincidentemente, um mesmo significado básico que pode ser expresso, de modo “alternativo”, por duas formas construcionais diversas: a oblíqua e a direta, ou seja, *X assistir a Y* e *X assistir Y*, respectivamente. Atentemos para as amostras a seguir:

5. Os professores são péssimos, com raras exceções, é como se você não tivesse nada, né. *Você vai ali pra **assistir uma aula** mas o professor não, não ensina nada, e quando vai, né, porque falta muito e, aquele negócio né, deixa você meio, meio solto.* [fala/entrevista].
6. Curtir um romântico jantar a dois (tudo bem que seja em casa, com macarrão instantâneo) ou **assistir a um filme** enroscados no sofá (que tal um com enredo bem sensual?) são situações aparentemente banais, mas elas fortalecem a intimidade e levam a carícias, que, por sua vez, acendem a libido. [escrita/coluna].
7. Como educar cidadãos para um *século* que, segundo o historiador inglês Eric Hobsbawm, talvez não seja tão mortífero quanto o *anterior*, que **assistiu a duas grandes guerras**, mas que já se anuncia turbulento? [escrita/artigo de opinião].

A construção instanciada pelo verbo *assistir* tem como significado básico e mais geral o de *testemunhar um evento*. Trata-se de uma instância da CT em que X (o SN1-Suj) é um experienciador, com o traço [+volitivo], V não é propriamente uma ação e Y

(o SN2-Comp, precedido ou não da Prep *a*) não sofre afetamento, constituindo o tema. Nessa condição, portanto, esse *type* construcional desvia-se da CT prototípica (*agente causa mudança no estado de paciente*) em razão da não transparência entre conteúdo e expressão, havendo sancionamento parcial desse *type* na rede.

Observando-se as ocorrências em 5-7, vemos que, apesar de o significado geral de *assistir* estar subjacente a todas elas, existem particularidades a serem consideradas: em 5 (***assistir uma aula***), o verbo tem acepção mais específica de *acompanhar presencialmente um evento (a aula)*⁸; em 6 (***assistir a um filme***), esse verbo adquire um traço semântico distinto da ocorrência em 5, que é o de *ver a exibição audiovisual de algo (o filme)*; em 7 (*que **assistiu a duas grandes guerras***), tem-se o significado de *testemunhar*, porém relacionado a um Suj metonímico: na verdade, não foi o século anterior que assistiu às duas grandes guerras, mas as pessoas que vivenciaram (presencial ou indiretamente) tais eventos nesse período.

Do ponto de vista sintático, conforme já assinalado, o *type* construcional com *assistir* se expressa “alternativamente” com a presença ou não de Prep (*assistir a/assistir*), o que configura variação entre dois padrões estruturais coexistentes: o oblíquo e o direto. Essa variação também se dá, em maior ou menor grau, com outros verbos instanciadores da CT, tais como *agradar (a)*, *atender (a)* e *obedecer (a)*⁹, segundo nos mostra a Tabela 1.

Observando os dados, verificamos que a variação entre ambos os padrões de *assistir* (com e sem Prep) é forte na escrita, na proporção de praticamente 50% para cada padrão das 11 ocorrências. Contudo, em relação à fala, a predominância quase absoluta é da forma sem Prep. Na verdade, comparando-se os padrões entre uma modalidade e outra, a estrutura sem Prep tem a maioria das ocorrências (70% do total de 24). Embora em quantidades bem menores, o mesmo também ocorre com quase todos os outros verbos mencionados acima que apresentam a mesma variação de *assistir*. A exceção é *obedecer*, cujo padrão com Prep (*obedecer a*) só se verificou na

8 É bastante provável que essa acepção de *assistir* corresponda diretamente ao significado mais básico e geral do verbo.

9 Há também os casos de *agradecer (a)* e *responder (a)*, cuja alternância entre o padrão transitivo direto e o oblíquo se dá mais pelo fato de o Comp variar entre o tema (o que é agradecido/respondido), que geralmente motiva a estrutura com OD – sem Prep –, e o dativo (a quem se agradece/responde), que força o uso com Prep. Tais verbos, embora pressuponham um evento ditransitivo (*X agradecer/responder Y a Z*), no discurso comum, dificilmente ocorrem nessa forma completa, a não ser por alguma demanda pragmática. Em vez disso, tendem a ser utilizados com um ou com outro Comp, o que explica a alternância entre os dois padrões mencionados.

escrita e sem Prep apenas na fala. Mas isso provavelmente se deve ao baixo número de casos presentes nos textos selecionados.

Entendemos que o motivo para essa oscilação entre um padrão e outro, particularmente na escrita, se deve, por um lado, à pressão ainda existente quanto ao uso da estrutura com Prep em textos de registro mais formal/monitorado. Por outro, o uso da forma sem Prep revela o gradativo alastramento desta na escrita, possivelmente por influência da fala, em que tal forma é bastante recorrente.

Ainda no tocante à relativa preferência pelo padrão *X V Y* (sem Prep *a*), na ordem de 63% das 46 ocorrências dos verbos com essa variação, pensamos que é preciso levar em conta, além de fatores como economia de processamento e certa analogização sintática entre essa família de verbos, o fato de a Prep *a* (vinculada ao significado de *direção para um local/alvo*) associar-se mais ao *V* que tem acepção de *deslocamento/destino*, o que pressupõe a ideia de agentividade e, em alguns casos, a de benefício/alvo com paciente afetado. Sendo assim, *assistir* e os demais verbos citados não se encaixam bem nesse perfil semântico. Nessa perspectiva, o emprego de Prep parece mais uma artificialidade formal e um “peso”, em alguma medida, dispensável pela baixa contribuição semântica ao conteúdo da construção.

O outro verbo a se analisar é *ir*, cuja variação construcional ocorre entre o uso com a Prep *a* (mais convencional) e outro com a Prep *em* (mais coloquial).¹⁰ Portanto, ambos os padrões codificam a estrutura transitiva oblíqua (ou seja: *X ir a Y* e *X ir em Y*), exprimindo o significado básico de *deslocar-se para algum lugar*¹¹. A mesma variação também se constata com o *V chegar a/em*. Seguem amostras:

8. LOC. - Não encham mais, *eu só vou ao cinema* hoje em dia de dia, porque Arnaldo não vai mais. Então eu vou às sessões de dia. Às vezes *eu ia no cinema*, contava onze pessoas, vinte pessoas, num cinema. [fala/entrevista].
9. Fechar os olhos e colocar um fone de ouvido com suas músicas preferidas; andar por um local de paisagem bonita para curtir a comunhão com a natureza; marcar um programa consigo mesma no fim de semana, como *ir ao cinema* sozinha. [escrita/artigo de opinião].

Na amostra 8, é bastante notória a oscilação ainda existente entre os padrões *ir a (vou ao cinema)* e *ir em (ia no cinema)*, a ponto de ambas as ocorrências se darem

10 Não vamos considerar aqui a variação *ir a/ir p(a)ra*.

11 Quando *ir* tem acepção mais abstrata/metafórica, a tendência é o uso da forma com Prep *a*, como em [...] o programa deve *ir ao ar* na semana que vem e em [...] correrá o risco de *ir à falência*, por exemplo.

próximas uma da outra no mesmo texto, envolvendo o mesmo referenciador genérico (*cinema*), sem haver, ao menos aparentemente, nenhuma justificativa para a alternância.¹² Quanto ao significado geral desses construtos, a ideia parece ser, igualmente, a de *alguém* (no caso, *eu*) *se dirigir a um local (o cinema)*.

Esse exemplar pode ser correlacionado ao que Hopper e Traugott (2003) denominam *camadas*, ou *variabilidade*. Refere-se ao fato de, em uma dada sincronia, uma estrutura sintática poder ser codificada de modos alternativos, variando apenas em um de seus componentes internos, porém mantendo certa equivalência de significado. Conforme os autores, a convivência de formas variantes é própria do processo de mudança linguística. Nesse processo, a aparente competição funcional em um estágio da língua pode se resolver com o desuso de uma das formas ou com a *especialização*, isto é, uma das formas restringir-se a determinado(s) contexto(s) devido a fatores semânticos e/ou discursivo-pragmáticos (traço semântico distintivo, modalidade de língua, gênero discursivo, perfil social dos interlocutores, grau de (in)formalidade do registro, entre outros).

Conforme demonstrado na Tabela 1, há alternância entre um padrão e outro na fala – como exemplificam as ocorrências em 8 –, com vantagem ainda para a forma *ir a* (quase 70% das 49 ocorrências nessa modalidade). Contudo, na escrita, essa forma – segundo mostra a ocorrência em 9, *ir ao cinema* – tem preferência absoluta (100% dos 17 casos encontrados), muito provavelmente em razão de a forma com Prep *em* ser ainda restrita a contextos de fala bem informal e sem monitoramento.

Segundo Araújo e Rocha (2011), o esquema semântico pressuposto em *ir* inclui as noções de origem (ponto de partida), caminho (percurso/destino) e meta (ponto de chegada), com foco maior na segunda e em menor proporção na terceira. Para os autores, é possível que esse grau de importância de foco motive mais fortemente o perfilamento da noção de percurso/destino, o que favorece o padrão *ir a*; mas pode também sancionar o perfilamento do ponto de chegada, que leva ao emprego do padrão *ir em*.

A esse respeito, Costa (2011) assevera que já no latim é possível, em certos contextos, identificar a permuta entre as Prep *a* (designativa do caso alativo, indicando *direção*) e *em* (do caso essivo, com ideia de *lugar*)¹³, esta exprimindo a noção de

12 Parece não ser a diferença entre as formais verbais *vou/ia*, pois há ocorrências de fala com *ia a*, como em [...] *ia à missa na matriz*.

13 Essa terminologia é adotada por Creissels (2006) para tais casos semânticos.

para/até. Sendo assim, não constitui novidade o fato de, no português atual, os falantes também alternarem os usos dessas Prep com os *V ir* e *chegar*, uma vez que as noções de *direção* e *lugar* estão mutuamente implicadas no esquema semântico de deslocamento inerente ao significado de tais verbos.

O fenômeno da variação em construções transitivas identificadas nos gêneros (algumas delas examinadas anteriormente) pode ser, em parte, relacionado ao que Traugott e Trousdale (2021 [2013], p. 26) denominam *mudança construcional*. Esta se refere a alguma alteração interna verificada na forma ou no conteúdo de uma construção, que a torna, em certa medida, diversa do padrão existente. Tal inovação pode limitar-se a um contexto/grupo social restrito ou então espalhar-se, de modo a se generalizar, passando a integrar a rede como um (*sub*)type/uma microconstrução.

Segundo Perek (2012), Percillier (2020) e Lorenz (2020), esse fenômeno tem a ver com categorização. Dado que o uso desencadeia uma alteração formal em uma construção, a ponto de as formas variantes – mas de conteúdo similar – competirem temporariamente, é possível ocorrer certo deslizamento (gradiente e gradual) para uma categoria distinta em termos semânticos e/ou pragmáticos.

Visto o que discutimos até aqui, entendemos que, embora se possa identificar o mesmo conteúdo básico em determinadas variantes, a ponto de parecerem “intercambiáveis”, é praticamente impossível a existência de equivalência absoluta entre elas. Assim, alinhando-nos ao princípio da não-sinonímia, segundo explicitado em Goldberg (1995), assumimos que tais variantes são, de algum modo, distintas.

Retomando os construtos no excerto textual 8 (*vou ao cinema/ia no cinema*), por exemplo, vemos que, além da focalização distinta – a primeira perfila a *direção* e a segunda, a *chegada* –, há o fato de a *ir a* ser a forma normatizada e de maior prestígio se comparada a *ir em*. E pelo que mostram os dados, na escrita, esta última é evitada.

Considerações finais

Neste artigo, abordamos a variação em construções transitivas. Sobre isso, consideramos aspectos formais e funcionais envolvidos em *types* construcionais que apresentam estruturas sintáticas distintas para o mesmo conteúdo proposicional básico e mais geral. As variações examinadas, observando dados de fala e escrita dos gêneros selecionados, nos levam a destacar os pontos elencados a seguir.

Há variação envolvendo grupos/famílias de construções, em certa medida, aparentadas semântica e formalmente. Essa variação, de natureza analógica e relativamente paradigmática, pode ser vista como uma *metaconstrução*, nos termos de Lorenz (2020). Contudo, pensamos que a ideia de *construtema* (uma construção superordenada menos/não especificada), formulada por Cappelle (2006), é válida para uma construção isolada que não constitui um paradigma de variação na rede, principalmente quando se constata alguma “intercambialidade” de uso.

Existe certa gradiência nos grupos de construções que variam, ou seja, há graus de produtividade no sancionamento da variação. Assim, algumas famílias de construções parecem ser mais produtivas do que outras no sentido de replicarem seu paradigma de variação com outros *types* construcionais. Segundo nos mostra a Tabela 1, os grupos de construções representados pelos *types* *X (Pro) V Prep Y* e *X V (a) Y*, por exemplo, têm maior quantidade de variações do que os *types* instanciados, respectivamente, por *X V a/em Y* e *X V (em) Y*.

A variação nas CT analisadas envolve fatores cognitivos e discursivo-pragmáticos, que se refletem no pareamento forma-função dessas construções. No âmbito cognitivo, colaboram, em especial, os mecanismos de analogização e paradigmáticação (nas similaridades semânticas e/ ou sintáticas), de categorização (sobretudo nas diferenças, quando uma variante de mesmo conteúdo proposicional se restringe a determinado contexto) e de perspectiva do evento (tal como se dá com as variantes *X chegar a/em Y*); no discursivo-pragmático, contribuem pressões como busca por maior expressividade (a exemplo da variante *X pisar em Y*) ou por economia (em casos de variantes do tipo *X encontrar com Y* e *X assistir Y*) e especialização de uso (há variantes que ocorrem apenas na escrita, por força da norma culta, ou na fala, por ser muito coloquial).

Nesses fatores, podemos incluir, ainda, a frequência *token* (quantidade de ocorrências de um *type* construcional). Isso em razão de a variante mais utilizada ser, possivelmente, a principal candidata a servir de padrão paradigmático, atraindo outro(s) *type(s)* com que compartilha aspectos de forma e/ou de conteúdo; divergir e se especializar em dada situação; ou mesmo vir a superar a concorrente. Pelo que nos mostram os dados – considerando as limitações de abrangência do material de análise –, não há como fazer uma estimativa segura das tendências de uso.

Referências

ARAÚJO, P. J. P.; ROCHA, I. As expressões de localização, origem e destino de um percurso: possíveis implicações na descrição de duas línguas indígenas brasileiras e uma língua africana do grupo banto. *Estudos Linguísticos*, v. 40, n. 1, p. 326-337, 2011.

BERBER SARDINHA, A. P. (Org.). *Corpus brasileiro*. São Paulo: FAPESP, 2008. Disponível em: <http://corpusbrasileiro.pucsp.br/cb/Inicial.html>. Acesso em: 20 nov. 2021.

BISPO, E. B.; LOPES, M. G. Linguística Funcional Centrada no Uso: teoria, método e aplicação. *Odisseia*, Natal-RN, v. 7, n. esp., p. i-x, 2022.

BYBEE, J. *Linguagem, uso e cognição*. Trad. M. A. Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016 [2010].

CAPPELLE, B. Particle placement and the case for allostructions. *Constructions all over*. Düsseldorf, Germany: Heinrich Heine University, 2006.

CAVALCANTE, A. L. de A. *A construção transitiva comitativa sob a ótica da Linguística Funcional Centrada no Uso*. 2021. 87 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - UFRN, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem. Natal, 2021.

CEZARIO, M. M.; ALONSO, K. S. A contribuição do modelo da construcionalização e mudanças construcionais: reflexões em português. *Revista Soletras*, v. 1, p. 133-153, 2019.

COSTA, E. P. F. de S. A preposição atuando na passagem ótica do latim clássico para o latim vulgar sob a da teoria do caso. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, v. 5, n. 5, p. 111-125, 2011.

CREISSELS, D. Encoding the distinction between location, source and destination. In: HICKMANN, M.; ROBERT, S. (Eds.). *Space in languages: linguistics systems and cognitive categories*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2006, p. 19-28. (Typological Studies in Language, 66).

CUNHA LACERDA, P. F. A. da. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Revista Linguística, Rio de Janeiro*, v. 1, p. 83-101, 2016.

DIESSEL, H. Usage-based construction grammar. In: DĄBROWSKA, E; DIVJAK, D. (Eds.). *Handbook of Cognitive Linguistics*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2019, p. 1-24.

DU BOIS, J. W. Competing motivations. In: HAIMAN, J. (Ed.). *Iconicity in syntax*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1985, p. 343-366. (Typological Studies in Language, 6).

FISHER, O. Grammaticalization as analogically driven change? In: HEINE, B.; NARROG, H. (Eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. Oxford: OUP, 2011, p. 31-42.

FOLHA DE SÃO PAULO. s.n., 2020. Disponível em: <https://www.folha.uol.com.br/>. Acesso em: 15 set. 2021.

FURTADO DA CUNHA, M. A. Construções de estrutura argumental no português do Brasil. XVII Congreso Internacional Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL). *Anais...* João Pessoa, 2014, p. 2004-2016.

FURTADO DA CUNHA, M. A. Motivações semântico-pragmáticas para a ordenação dos argumentos na construção ditransitiva. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 25, p. 555-584, 2017.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (Orgs.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Maud/FARPEJ, 2013, p. 13-39.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; SILVA, J. R. Transitividade: do verbo à construção. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 14, nº 1, p.48-64, jan.-abr. 2018.

GENTNER, D.; MARKMAN, A. B. Structure mapping in analogy and similarity. *American Psychologist*, v. 52, n. 1. p. 45-56, 1997.

GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

GOLDBERG, A. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

HAIMAN, J. Iconic and economic motivation. *Language*, v. 59, n. 4, p. 781-819, 1983.

HILPERT, M. *Constructional change in English: developments in allomorphy, word-formation and syntax*. Cambridge: CUP, 2013.

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. 2. ed. Cambridge: CUP, 2003.

HUDSON, R. *Language networks: the new Word Grammar*. Oxford: OUP, 2007.

LORENZ, D. Converging variations and the emergence of horizontal links: *to*-contraction in American English. In: SOMMERER, L.; SMIRNOVA, E. (Eds.). *Nodes and networks in Diachronic Construction Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2020. p. 243-276.

LABOV, W. Ordinary events. In: FOUGHT, C. (Ed.). *Sociolinguistic variation: critical reflections*. Oxford: OUP, 2004, p. 31-43.

LANGACKER, R. A dynamic usage-based model. In: KEMMER, S.; BARLOW, M. (Eds.). *Usage-based models of language*. Stanford: CSLI, 2000, p. 1-64.

LUCENA, N. L.; FURTADO DA CUNHA, M. A. Relações de herança em orações transitivas: o mecanismo de extensão metafórica. *Letras & Letras*, v. 27, p. 85-96, 2011.

MARQUES, P. M.; PINTO, D. C. de M. Gramática como rede: relações entre construções. *Revista Lingüística - Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Vol. Especial, p. 128-138, dez. 2016.

OLIVEIRA, M. R. de; ROSÁRIO, I. da C. (Orgs.). *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina: Faperj, 2015.

PERCILLIER, M. Allostructions, homostructions or a constructional family?: changes in the network of secondary predicate constructions in Middle English. In: SOMMERER, L.; SMIRNOVA, E. (Eds.). *Nodes and networks in Diachronic Construction Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2020. p. 213-242.

PEREK, F. Alternation-based generalizations are stored in the mental grammar: Evidence from a sorting task experiment. *Cognitive Linguistics*, v. 23, nº 3, p. 601-635, 2012.

PEREK, F. *Argument structure in usage-based construction grammar: experimental and corpus-based perspectives*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2015.

RASO, T.; MELLO, H. (Eds.). *C-oral-Brasil I: corpus de referência do português brasileiro falado informal*. Belo Horizonte: EDUFMG, 2012. Disponível em: <http://www.c-oral-brasil.org/>. Acesso em: 14 ago. 2021.

REVISTA CARAS. s.n., 2011. Disponível em: <https://caras.uol.com.br/>. Acesso em: 12 set. 2021.

REVISTA CLÁUDIA. s.n., 2011. Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/>. Acesso em: 12 set. 2021.

REVISTA VEJA. s.n., 2011. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/>. Acesso em: 12 set. 2021.

SILVA, J. R. *Estratégias discursivas de superlativação*. 2000. 114 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, UFRN, 2000.

SILVA, J. R. (Inter)Subjetividade e extensão semântica em construções com "aquele". In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. (Orgs.). *Variação e mudança em perspectiva construcional*. Natal: EDUFRN, 2018. p. 167-209.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Construcionalização e mudanças construcionais*. Trad. T. P. de Oliveira e M. A. Furtado da Cunha. Petrópolis: Vozes, 2021 [2013].

VAN DE VELDE, F. Degeneracy: the maintenance of constructional networks. In: VAN DE VELDE, F. *et al.* (Eds.). *The extending scope of construction grammar*. Berlin: De Gruyter Mouton, v. 54, 2014. p. 141–179.

VOTRE, S.; OLIVEIRA, M. R. de (Orgs.). *A língua falada e escrita na cidade do Rio de Janeiro: materiais para seu estudo*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995 (impresso). Disponível em: <https://discursoegramatica.wordpress.com/corpus/>. Acesso em: 1 nov. 2021.

Recebido em 25/11/2021

Aceito em 18/02/2022

Publicado em 06/04/2022